

### Roteiro de estudos

#### Interpretação de texto (volume 1)

#### Capítulo 1

#### Aprofundamento teórico (leitura recomendada)

Alegoria

Antonomásia

Perífrase

Hipérbole e eufemismo

Gradação e apóstrofe

#### Aprofundamento prático (exercícios recomendados)

**Propostos:** 23, 24!, 25 e 26.

**Complementares:** 27 e 28.

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### Figuras semânticas

#### Relações de comparação e semelhança

**Alegoria:** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Exemplos (projeção):**

a) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

b) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Principais gêneros alegóricos:**

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_
4. \_\_\_\_\_
5. \_\_\_\_\_

**Exercício exemplo:** \_\_\_\_\_

**Exercício desafio:** \_\_\_\_\_

**Antonomásia:** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

#### Continuação

a) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Apóstrofe:** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Exemplo (lousa):**

a) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Relações de intensidade**

**Eufemismo:** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Exemplo (projeção):**

**Hipérbole:** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Exemplo (projeção):**

a) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Gradação:** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Exemplo (projeção):**

a) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Exercício exemplo:** \_\_\_\_\_

### Exercícios de fixação

(Unesp 2022)

Leia o artigo “Pó de pirlimpimpim”, do neurocientista Sidarta Ribeiro. Alcançar o aprendizado instantâneo é um desejo poderoso, pois o cérebro sem informação é pouco mais que estofado de macela<sup>1</sup>. Emília, a sabida bo-neca de Monteiro Lobato, aprendeu a falar copiosamente após engolir uma

pílula, adquirindo de supetão todo o vocabulário dos seres humanos ao seu redor. No filme *Matrix* (1999), a ingestão de uma pílula colorida faz o personagem Neo descobrir que todo o mundo em que sempre viveu não passa de uma simulação chamada *Matrix*, dentro da qual é possível programar qualquer coisa. Poucos instantes depois de se conectar a um computador, Neo desperta e profere estupefato: “*I know kung fu*”.

Entretanto, na matriz cerebral das pessoas de carne e osso, vale o dito popular: “Urubu, pra cantar, demora.” O aprendizado de comportamentos complexos é difícil e demorado, pois requer a alteração massiva de conexões neuronais. Há consenso hoje em dia de que o conteúdo dos nossos pensamentos deriva dos padrões de ativação de vastas redes neuronais, impossibilitando a aquisição instantânea de memórias intrincadas.

Mas nem sempre foi assim. Há meio século, experimentos realizados na Universidade de Michigan pareciam indicar que as planárias, vermes aquáticos passíveis de condicionamento clássico, eram capazes de adquirir, mesmo sem treinamento, associações estímulo-resposta por ingestão de um extrato de planárias já condicionadas. O resultado, aparentemente revolucionário, sugeria que os substratos materiais da memória são moléculas. Contudo, estudos posteriores demonstraram que a ingestão de planárias não condicionadas também acelerava o aprendizado, revelando um efeito hormonal genérico, independente do conteúdo das memórias presentes nas planárias ingeridas.

A ingestão de memórias é impossível porque elas são estados complexos de redes neuronais, não um quantum de significado como a pílula da Emília. Por outro lado, é sim possível acelerar a consolidação das memórias por meio da otimização de variáveis fisiológicas envolvidas no processo. Uma linha de pesquisa importante diz respeito ao sono, cujo benefício à consolidação de memórias já foi comprovado. Em 2006, pesquisadores alemães publicaram um estudo sobre os efeitos mnemônicos da estimulação cerebral com ondas lentas (0,75 Hz) aplicadas durante o sono por meio de um estimulador elétrico. Os resultados mostraram que a estimulação de baixa frequência é suficiente para melhorar o aprendizado de diferentes tarefas. Ao que parece, as oscilações lentas do sono são puro pó de pirlimpimpim.

(Sidarta Ribeiro. *Limiar: ciência e vida contemporânea*, 2020.)

<sup>1</sup>macela: planta herbácea cujas flores costumam ser usadas pela população como estofa de traveseiros.

1. “Entretanto, na matriz cerebral das pessoas de carne e osso, vale o dito popular: “Urubu, pra cantar, demora.” (2º parágrafo)  
Considerando o contexto, o ditado popular mencionado pode ser substituído pelo seguinte provérbio:

- a) “Quem espera sempre alcança.”
- b) “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.”
- c) “Para bom entendedor, meia palavra basta.”
- d) “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.”
- e) “Quem canta seus males espanta.”

(Unicamp 2021)

“O vento da vida, por mais que cresça, nunca pode chegar a ser bonança; o vento da fortuna pode chegar a ser tempestade, e tão grande tempestade, que se afogue nela o mesmo vento da vida.”

(Antônio Vieira, “Sermão de quarta-feira de cinza do ano de 1672)

2. No sermão proferido na Igreja de Santo Antônio dos Portugueses, em Roma, Vieira recorre a uma alegoria para chamar a atenção dos fiéis sobre a morte.

Assinale a alternativa que expressa a mensagem veiculada pela imagem do vento.

- a) A vida dos fiéis é comparável à tranquilidade da brisa em alto-mar.
- b) A fortuna dos fiéis é comparável à força das intempéries marítimas.
- c) A fortuna dos fiéis é comparável à felicidade eterna.
- d) A vida dos fiéis é comparável à ventura dos navegadores.

(Enem 2019)

Ela nasceu lesma, vivia no meio das lesmas, mas não estava satisfeita com sua condição. Não passamos de criaturas desprezadas, queixava-se. Só somos conhecidas por nossa lentidão. O rastro que deixaremos na História será tão desprezível quanto a gosma que marca nossa passagem pelos pavimentos.

A esta frustração correspondia um sonho: a lesma queria ser como aquele parente distante, o *escargot*. O simples nome já a deixava fascinada: um termo francês, elegante, sofisticado, um termo que as pessoas pronunciavam com respeito e até com admiração. Mas, lembravam as outras lesmas, os *escargots* são comidos, enquanto nós pelo menos temos chance de sobreviver. Este argumento não convencia a insatisfeita lesma, ao contrário: preferiria exatamente terminar sua vida desta maneira, numa mesa de toalha adamascada, entre talheres de prata e cálices de cristal. Assim como o mar é o único túmulo digno de um almirante batavo, respondia, a travessa de porcelana é a única lápide digna dos meus sonhos.

SCLIAR, M. Sonho de lesma. In: ABREU, C. F. et al. *A prosa do mundo*. São Paulo: Global, 2009.

3. Incorporando o devaneio da personagem, o narrador compõe uma alegoria que representa o anseio de

- a) rejeitar metas de superação de desafios.
- b) restaurar o estado de felicidade de desafios.
- c) materializar expectativas de natureza utópica.
- d) rivalizar com indivíduos de condição privilegiada.
- e) valorizar as experiências hedonistas do presente.

(ITA 2013)

**Canção**

Pus o meu sonho num navio

e o navio em cima do mar;

- depois, abri o mar com as mãos

para o meu sonho naufragar

Minhas mãos ainda estão molhadas

do azul das ondas entreabertas

e a cor que escorre dos meus dedos

colore as areias desertas.

O vento vem vindo de longe,

a noite se curva de frio;

debaixo da água vai morrendo

meu sonho, dentro de um navio...

Chorarei quanto for preciso,

para fazer com que o mar cresça,

e o meu navio chegue ao fundo

e o meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito;

praia lisa, águas ordenadas,

meus olhos secos como pedras

e as minhas duas mãos quebradas

4. Pode-se apontar como tema do poema

- a) a transitoriedade das coisas.
- b) a renúncia.
- c) a desilusão.
- d) a fugacidade do tempo.
- e) a dúvida existencial.

5. Neste poema, há algumas figuras de linguagem. Abaixo, você tem, de um lado, os versos e, do outro, o nome de uma dessas figuras. Observe:

I. "e a cor que escorre dos meus dedos" - metonímia

II. "a noite se curva de frio" - personificação

III. "e o meu navio chegue ao fundo / e o meu sonho desapareça" - alegoria

Considerando-se a relação verso/figura de linguagem, pode-se afirmar que

- a) apenas I, II estão corretas.
- b) apenas II e III estão corretas.
- c) apenas II está incorreta.
- d) apenas I está correta.
- e) todas estão corretas.

(Unicamp 2016)

Leia o poema "Mar Português", de Fernando Pessoa.

### Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!

Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

6. No poema, a apóstrofe, uma figura de linguagem, indica que o enunciador

- a) convoca o mar a refletir sobre a história das navegações portuguesas.
- b) apresenta o mar como responsável pelo sofrimento do povo português.
- c) revela ao mar sua crítica às ações portuguesas no período das navegações.
- d) projeta no mar sua tristeza com as consequências das conquistas de Portugal.

(Fuvest)

Em janeiro de 1935, um grupo de turistas pernambucanos passeava de carro quando deu de cara com Lampião e seu bando. Revirando a bagagem do grupo, um cangaceiro encontrou uma Kodak e entregou ao chefe, que perguntou a quem ela pertencia. Apavorado, um deles levantou o dedo. "Quero que o senhor tire o meu retrato", disparou o "rei do cangaço", pondo-se a posar. O homem, esforçando-

se, bateu uma chapa, mas avisou: "Capitão, esta posição não está boa". Dando um salto e caindo de pé, Lampião perguntou: "E esta? Está melhor?" Outra foto foi feita. Quando libertava os turistas, após pilhá-los, o "fotógrafo" de ocasião indagou-lhe como podia enviar as imagens. "Não é preciso. Mande publicar nos jornais", disse o cangaceiro.

Carlos Haag, Pesquisa FAPESP.

7. No texto, as aspas em "rei do cangaço" e "fotógrafo" foram empregadas pelo mesmo motivo? Justifique sua resposta.

**Resolução:** \_\_\_\_\_

---

---

---

---

---

---

---

---

(Unesp 2022)

Leia a crônica "Está aberta a sessão do júri", de Graciliano Ramos. O Dr. França, Juiz de Direito numa cidadezinha sertaneja, andava em meio século, tinha gravidade imensa, verbo escasso, bigodes, colarinhos, sapatos e ideias de pontas muito finas. Vestia-se ordinariamente de preto, exigia que todos na justiça procedessem da mesma forma – e chegou a mandar retirar-se do Tribunal um jurado inconveniente, de roupa clara, ordenar-lhe que voltasse razoável e fúnebre, para não prejudicar a decência do veredicto.

Não via, não sorria. Quando parava numa esquina, as cavaqueiras dos vadios gelavam. Ao afastar-se, mexia as pernas matematicamente, os passos mediam setenta centímetros, exatos, apesar de barrocas<sup>1</sup> e degraus. A espinha não se curvava, embora descesse ladeiras, as mãos e os braços executavam os movimentos indispensáveis, as duas rugas horizontais da testa não se aprofundavam nem se desfaziam.

Na sua biblioteca digna e sábia, volumes bojudos, tratados majestosos, severos na encadernação negra semelhante à do proprietário, empertigavam-se – e nenhum ousava deitar-se, inclinar-se, quebrar o alinhamento rigoroso.

Dr. França levantava-se às sete horas e recolhia-se à meia-noite, fizesse frio ou calor, almoçava ao meio-dia e jantava às cinco, ouvia missa aos domingos, comungava de seis em seis meses, pagava o aluguel da casa no dia 30 ou no dia 31, entendia-se com a mulher, parcimonioso, na linguagem usada nas sentenças, linguagem arresvada e arcaica das ordenações. Nunca julgou oportuno modificar esses hábitos salutares.

Não amou nem odiou. Contudo exaltou a virtude, emanação das existências calmas, e condenou o crime, infeliz consequência da paixão.

Se atentássemos nas palavras emitidas por via oral, poderíamos afirmar que o Dr. França não pensava. Vistos os autos, etc., perceberíamos entretanto que ele pensava com alguma frequência. Apenas o pensamento de Dr. França não seguia a marcha dos pensamentos comuns. Operava, se não nos enganamos, deste modo: "considerando isto, considerando isso, considerando aquilo, considerando ainda mais isto, considerando porém aquilo, conclusão." Tudo se formulava em obediência às regras – e era impossível qualquer desvio.

Dr. França possuía um espírito, sem dúvida, espírito redigido com circunlóquios, dividido em capítulos, títulos, artigos e parágrafos. E o que se distanciava desses parágrafos, artigos, títulos e capítulos não o comovia, porque Dr. França está livre dos tormentos da imaginação.

8. O cronista recorre à personificação no seguinte trecho:

- a) “Na sua biblioteca digna e sábia, volumes bojudos, tratados majestosos, severos na encadernação negra semelhante à do proprietário, empertigavam-se – e nenhum ousava deitar-se, inclinar-se, quebrar o alinhamento rigoroso.” (3º parágrafo)
- b) “A espinha não se curvava, embora descesse ladeiras, as mãos e os braços executavam os movimentos indispensáveis, as duas rugas horizontais da testa não se aprofundavam nem se desfaziam.” (2º parágrafo)
- c) “Ao afastar-se, mexia as pernas matematicamente, os passos mediam setenta centímetros, exatos, apesar de barrocas e degraus.” (2º parágrafo)
- d) “E o que se distanciava desses parágrafos, artigos, títulos e capítulos não o comovia, porque Dr. França está livre dos tormentos da imaginação.” (7º parágrafo)
- e) “Vestia-se ordinariamente de preto, exigia que todos na justiça procedessem da mesma forma – e chegou a mandar retirar-se do Tribunal um jurado inconveniente, de roupa clara, ordenar-lhe que voltasse razoável e fúnebre, para não prejudicar a decência do veredicto.” (1º parágrafo)

9. Na crônica, o Dr. França é caracterizado como

- a) irônico e arrogante.
- b) arrogante e dissimulado.
- c) introvertido e sarcástico.
- d) pedante e displicente.
- e) taciturno e metódico.

10. O cronista intromete-se explicitamente no texto no trecho:

- a) “Contudo exaltou a virtude, emanação das existências calmas, e condenou o crime, infeliz consequência da paixão.” (5º parágrafo)
- b) “Dr. França possuía um espírito, sem dúvida, espírito redigido com circunlóquios, dividido em capítulos, títulos, artigos e parágrafos.” (7º parágrafo)
- c) “O Dr. França, Juiz de Direito numa cidadezinha sertaneja, andava em meio século, tinha gravidade imensa, verbo escasso, bigodes, colarinhos, sapatos e ideias de pontas muito finas.” (1º parágrafo)
- d) “Operava, se não nos enganamos, deste modo: ‘considerando isto, considerando isso, considerando aquilo, considerando ainda mais isto, considerando porém aquilo, concluo.’” (6º parágrafo)
- e) “E o que se distanciava desses parágrafos, artigos, títulos e capítulos não o comovia, porque Dr. França está livre dos tormentos da imaginação.” (7º parágrafo)

(Vunesp - Albert Einstein 2020)



(Charles M. Schulz. É hora da escola, Charlie Brown, 2014.)

11. Contribui para o efeito de humor do cartum o recurso à seguinte figura de linguagem:

- a) metáfora.
- b) personificação.
- c) pleonasmo.
- d) eufemismo.
- e) paradoxo.

(Famerp 2020)

Leia o início do conto “Luís Soares”, de Machado de Assis.

Trocar o dia pela noite, dizia Luís Soares, é restaurar o império da natureza corrigindo a obra da sociedade. O calor do sol está dizendo aos homens que vão descansar e dormir, ao passo que a frescura relativa da noite é a verdadeira estação em que se deve viver. Livre em todas as minhas ações, não quero sujeitar-me à lei absurda que a sociedade me impõe: velarei de noite, dormirei de dia. Contrariamente a vários ministérios, Soares cumpria este programa com um escrúpulo digno de uma grande consciência. A aurora para ele era o crepúsculo, o crepúsculo era a aurora. Dormia 12 horas consecutivas durante o dia, quer dizer das seis da manhã às seis da tarde. Almoçava às sete e jantava às duas da madrugada. Não ceava. A sua ceia limitava-se a uma xícara de chocolate que o criado lhe dava às cinco horas da manhã quando ele entrava para casa. Soares engolia o chocolate, fumava dois charutos, fazia alguns trocadilhos com o criado, lia uma página de algum romance, e deitava-se.

Não lia jornais. Achava que um jornal era a cousa mais inútil deste mundo, depois da Câmara dos Deputados, das obras dos poetas e das missas. Não quer isto dizer que Soares fosse ateu em religião, política e poesia. Não. Soares era apenas indiferente. Olhava para todas as grandes cousas com a mesma cara com que via uma mulher feia. Podia vir a ser um grande perverso; até então era apenas uma grande inutilidade.

(Contos fluminenses, 2006.)

12. Assinale a alternativa que apresenta um trecho do texto e uma figura de linguagem que nele ocorre.

- a) “O calor do sol está dizendo aos homens que vão descansar e dormir” (1º parágrafo) – personificação.
- b) “a frescura relativa da noite é a verdadeira estação em que se deve viver” (1º parágrafo) – eufemismo.
- c) “Trocar o dia pela noite, dizia Luís Soares, é restaurar o império da natureza corrigindo a obra da sociedade” (1º parágrafo) – graduação.
- d) “Olhava para todas as grandes cousas com a mesma cara com que via uma mulher feia” (3º parágrafo) – pleonasmo.
- e) “Podia vir a ser um grande perverso; até então era apenas uma grande inutilidade” (3º parágrafo) – paradoxo.

13. Com a referência a “jornais”, “Câmara dos Deputados”, “obras dos poetas” e “missas” (3º parágrafo), o narrador

- a) relativiza o retrato do personagem como um alienado, na medida em que enumera elementos da sociedade com os quais ele se identifica.
- b) critica a homogeneidade da população, defendendo uma sociedade plural, em que cada pessoa escolha com liberdade a maneira como vive.
- c) informa que o personagem recusava-se a se envolver com certos elementos da vida em sociedade, tanto quanto se recusava a seguir os ciclos convencionais de sono e de vigília.

d) reconhece como os hábitos da sociedade em questão são fúteis, ressaltando os benefícios para a sociedade das escolhas extravagantes de Luís Soares.

e) revela sua parcialidade, concordando com a maneira como o personagem se comporta em relação a seus horários e às atividades sociais usuais da sociedade da época.

(Famema 2020)

[...] no tempo em que se passavam os fatos que vamos narrando nada mais havia comum do que ter cada casa um, dois e às vezes mais agregados.

Em certas casas os agregados eram muito úteis, porque a família tirava grande proveito de seus serviços, e já tivemos ocasião de dar exemplo disso quando contamos a história do finado padrinho de Leonardo; outras vezes porém, e estas eram maior número, o agregado, refinado vadio, era uma verdadeira parasita que se prendia à árvore familiar, que lhe participava da seiva sem ajudá-la a dar frutos, e o que é mais ainda, chegava mesmo a dar cabo dela. E o caso é que, apesar de tudo, se na primeira hipótese o esmagavam com o peso de mil exigências, se lhe batiam a cada passo com os favores na cara, se o filho mais velho da casa, por exemplo, o tomava por seu divertimento, e à menor e mais justa queixa saltavam-lhe os pais em cima tomando o partido de seu filho, no segundo aturavam quanto desconcerto havia com paciência de mártir, o agregado tornava-se quase um rei em casa, punha, dispunha, castigava os escravos, ralhava com os filhos, intervinha enfim nos mais particulares negócios.

Em qual dos dois casos estava ou viria estar em breve o nosso amigo Leonardo? O leitor que decida pelo que se vai passar.

(Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um Sargento de Milícias*)

14. A hipérbole é uma figura de linguagem que expressa ideia de exagero; a metáfora, por sua vez, expressa ideia de semelhança. As passagens do segundo parágrafo do texto que exemplificam essas figuras são, respectivamente:

- “Em certas casas os agregados eram muito úteis”; “chegava mesmo a dar cabo dela”.
- “o esmagavam com o peso de mil exigências”; “que lhe participava da seiva sem ajudá-la a dar frutos”.
- “se lhe batiam a cada passo com os favores na cara”; “quando contamos a história do finado padrinho de Leonardo”.
- “saltavam-lhe os pais em cima tomando o partido de seu filho”; “intervenha enfim nos mais particulares negócios”.
- “se o filho mais velho da casa, por exemplo, o tomava por seu divertimento”; “que se prendia à árvore familiar”.

15. O romance de Manuel Antônio de Almeida aborda costumes da sociedade do Rio de Janeiro do século XIX. Um deles é a presença comum de agregados nas casas. No texto, essa figura é descrita

- com certa reserva, já que se tratava de uma pessoa que não era bem vista pela família.
- por dois vieses, conforme a sua relação com a família: ou era útil a esta ou a explorava.
- de modo divertido, como uma pessoa que surpreendia não raro pelo seu humor e pela sua simpatia.
- como vítima do sistema, uma vez que a família a explorava, chegando a tratá-la como um escravo.
- de forma positiva, dado que os laços afetivos estabelecidos com a família eram legítimos.

(Unifesp 2015)

Então começou a minha vida de milionário. Deixei bem depressa a casa de Madame Marques – <sup>1</sup>que, desde que me sabia rico, me tratava todos os dias a arroz-doce, <sup>2</sup>e ela mesma me servia, com o seu vestido de seda dos domingos. Comprei, habitei o palacete amarelo, ao Loreto: as magnificências da minha instalação são bem conhecidas pelas gravuras indiscretas da *Ilustração Francesa*. Tornou-se famoso na Europa o meu leito, de um gosto exuberante e bárbaro, com a barra recoberta de lâminas de ouro lavrado e cortinado de um raro brocado negro onde ondeiam, bordados a pérolas, versos eróticos de Catulo; uma lâmpada, suspensa no interior, <sup>5</sup>derrama ali a claridade láctea e amorosa de um luar de Verão.

Entretanto Lisboa rojava-se aos meus pés. O pátio do palacete estava constantemente invadido por uma turba: <sup>3</sup>olhando-a enfasiado das janelas da galeria, eu via lá branquejar os peitinhos da Aristocracia, negrejar a sotaina do Clero, e luzir o suor da Plebe: todos vinham suplicar,

de lábio abjeto, a honra do meu sorriso e uma participação no meu ouro. Às vezes consentia em receber algum velho de título histórico: – ele adiantava-se pela sala, quase roçando o tapete com os cabelos brancos, tartamudeando adulações; e imediatamente, espalmado sobre o peito a mão de fortes veias onde corria um sangue de três séculos, oferecia-me uma filha bem-amada para esposa ou para cubina.

Todos os cidadãos me traziam presentes como a um ídolo sobre o altar – uns odes votivas, outros o meu monograma bordado a cabelo, alguns chinelas ou boquilhas, cada um a sua consciência. Se o meu olhar amortecido fixava, por acaso, na rua, uma mulher – <sup>4</sup>era logo ao outro dia uma carta em que a criatura, esposa ou prostituta, me ofertava a sua nudez, o seu amor, e todas as complacências da lascívia.

Os jornalistas esporeavam a imaginação para achar adjetivos dignos da minha grandeza; fui o *sublime Sr. Teodoro*, cheguei a ser o *celeste Sr. Teodoro*; então, desvairada, a *Gazeta das Locais* chamou-me o *extraceleste Sr. Teodoro*! Diante de mim, nenhuma cabeça ficou jamais coberta – ou usasse a coroa ou o coco. Todos os dias me era oferecida uma presidência de Ministério ou uma direção de confraria. Recusei sempre, com nojo.

(Eça de Queirós. *O mandarim*, s/d.)

16. “Os jornalistas esporeavam a imaginação para achar adjetivos dignos da minha grandeza; fui o *sublime Sr. Teodoro*, cheguei a ser o *celeste Sr. Teodoro*; então, desvairada, a *Gazeta das Locais* chamou-me o *extraceleste Sr. Teodoro*!”

Nesta passagem do último parágrafo, identifica-se uma

- hipérbole, por meio da qual o narrador enfatiza a intensidade de atenção recebida da imprensa portuguesa.
- gradação, por meio da qual o narrador reforça a ideia de bajulação posta em prática pelos jornais portugueses.
- ironia, por meio da qual o narrador refuta o tratamento que lhe dispensavam os jornalistas portugueses.
- redundância, por meio da qual o narrador deixa entrever o modo como as pessoas lhe especulavam a vida.
- antítese, por meio da qual o narrador explica as contradições dos jornais portugueses ao tomarem-no como assunto.

17. Ao descrever a sua vida de milionário, o narrador

- reconhece que as pessoas se aproximam dele com mais respeito e cautela, fato que o deixa desconfortável, por sua natureza humilde.
- sente-se lisonjeado pelo tratamento cerimonioso de que é alvo constante, sobretudo porque as pessoas são honestas em seu proceder.

- c) ironiza as relações de interesses decorrentes da sua nova condição social, deixando evidente que as pessoas se humilham perante ele.
- d) ignora a forma como os mais pobres o interpelam, pois não consegue identificar os contatos sem interesses monetários.
- e) despreza a falta de veneração à sua pessoa, principalmente pelos mais bem nascidos, que não o veem como pertencente à aristocracia.

(Fuvest)

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; <sup>1</sup>nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia - o amor, o ódio, o egoísmo. <sup>2</sup>Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, <sup>3</sup>levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua.

João do Rio. *A alma encantadora das ruas*.

18. Em "nas cidades, nas aldeias, nos povoados" (ref. 1), "hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia" (ref. 2) e "levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis" (ref. 3), ocorrem, respectivamente, os seguintes recursos expressivos:

- a) eufemismo, antítese, metonímia.
- b) hipérbole, gradação, eufemismo.
- c) metáfora, hipérbole, inversão.
- d) gradação, inversão, antítese.
- e) metonímia, hipérbole, metáfora.

(Fuvest 2020)

Uma planta é perturbada na sua sesta\* pelo exército que a pisa.  
Mas mais frágil fica a bota.

Gonçalo M. Tavares, 1: poemas.

\*sesta: repouso após o almoço.

19. Considerando que se trata de um texto literário, uma interpretação que seja capaz de captar a sua complexidade abordará o poema como

- a) uma defesa da natureza.
- b) Um ataque às forças armadas.
- c) uma defesa dos direitos humanos.
- d) uma defesa da resistência civil.
- e) um ataque à passividade.

20. O ditado popular que se relaciona melhor com o poema é:

- a) Para bom entendedor, meia palavra basta.
- b) Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
- c) Quem com ferro fere, com ferro será ferido.
- d) Um dia é da caça, o outro é do caçador.
- e) Uma andorinha só não faz verão.

## Anotações

## Gabarito

1.B    2.B    3.C    4.B    5.E    6.A  
7:

Em "rei do cangaço", as aspas assinalam que o enunciador não elaborou a expressão, apenas recorreu a um título pelo qual se conhecia Lampião, ou seja, sinalizam uma antonomásia. Já em "fotógrafo", o enunciador quer indicar que o termo não foi empregado no rigor de seu significado, uma vez que o proprietário da máquina não era exatamente um fotógrafo, estando só a desempenhar um papel momentâneo. Assim, pode-se depreender um uso irônico das aspas.

8.A    9.E    10.D    11.B    12.A    13.C    14.B  
15.B    16.B    17.C    18.D    19.D    20.B